



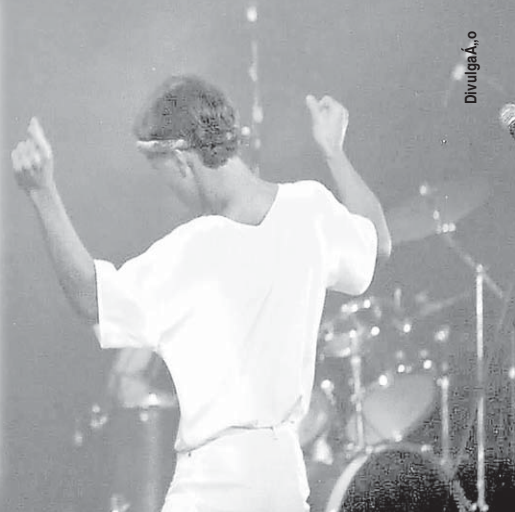
ACONTECE NA CIDADE

Boletim Cultural da Cidade do Rio de Janeiro - ano I nº 11 - Junho de 2004 - Gratuito

O POETA EXAGERADO

Ele viveu a vida intensamente. Não tinha muitos limites, é verdade, mas a sensibilidade ia longe... Considerado um dos poetas do rock brasileiro, Cazuzza morreu cedo, aos 32 anos, de aids. Deixou muitos admiradores, que este mês vão poder matar as saudades em *Cazuzza – O tempo não pára*, longa de Sandra Werneck com estréia marcada para o dia 11. Para viver o cantor nas telas, Daniel de Oliveira emagreceu doze quilos.

(Cinema – pág. 11)



Divulga.º

Homenagem a Hélio Pellegrino

Hélio Pellegrino foi, antes de tudo, um revolucionário. Uma das maiores vozes contra o Estado Novo e fundador de partidos de esquerda, o psicanalista também escrevia poesias. Algumas inéditas estão no *Arquívio Hélio Pellegrino*, que chega às livrarias este mês. O volume é uma homenagem aos 80 anos que ele completaria em janeiro e traz ainda uma biografia, fotos e cartas de amigos como Mário de Andrade e Otto Lara Resende.

(Literatura – pág. 3)

Séculos de arte em mostra das irmãs Klabin

Pela primeira vez juntas no Rio, as coleções das irmãs Eva e Ema Klabin fazem um resumo da história da arte. Parte do acervo das duas vai estar ao alcance do público a partir do dia 1º de junho no Museu Nacional de

Belas Artes na exposição *Universos Sensíveis – as coleções de Eva e Ema Klabin*. São quatrocentas peças entre esculturas, pinturas, objetos, livros, mobiliários e pratarias.



Nu masculino sentado, de Rembrandt (1646)

Divulga.º

Algumas obras datam do século IV a . C. Entre as telas, destaque para trabalhos de Botticelli, Renoir, Chagall, Rembrandt e dos brasileiros Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral, Portinari e Lasar Segall.

(Artes plásticas – pág. 4)

PARA DELEITE DOS FÃS

Em comemoração aos sessenta anos de Chico Buarque, que faz aniversário dia 19, a BMG lança uma caixa com todos os trabalhos realizados pelo artista na gravadora. *Francisco* reúne dois DVDs e doze CDs recheados de comentários do gênio sobre seu processo de criação. **(Música- pág. 14)**



Divulgação/Bruno Veiga





Expediente

Diretor-Executivo

Ricardo Oliveira Castro - MTB 22333

Editora Responsável

Fernanda Moreira - MTB 19652

Projeto Gráfico

Estratégica Comunicação

Diagramação

Ligia Moreira

Colaboraram nesta edição:

Antonio Torres

Gloria Castro

José Louzeiro

Leonardo Luiz Ferreira

Luís Pimentel

Paulo Raider

Sérgio Britto

Comercial

Ricardo: 9666-5469

E-mail para contato:

acontecenacidade@br.inter.net

© 2003 - Todos os direitos reservados. A opinião dos colaboradores é de responsabilidade dos mesmos. É proibida a reprodução do conteúdo desta publicação em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem a autorização expressa dos editores.

Índice

Editorial	pág. 2	Video	pág. 10
Antonio Torres	pág. 3	Cinema	pág. 11
Literatura	pág. 3	José Louzeiro	pág. 12
Artes	pág. 4	Show	pág. 12
Luis Pimentel	pág. 5	Televisão	pág. 13
Sérgio Britto	pág. 6	Música	pág. 14
Teatro	pág. 7	Aconteceu	pág. 15
Sétima Arte	págs. 8 e 9	Paulo Raider	pág. 16

Editorial

O Instituto Moreira Salles começa este mês a organizar o acervo musical de Pixinguinha para, depois, disponibilizá-lo ao público. Olha que presente para a cultura e para o Rio, cidade onde ele nasceu e onde nasceram pérolas deste compositor genial, flautista, saxofonista, arranjador, regente... O ACONTECE NA CIDADE apóia a iniciativa e torce para que sirva de exemplo a outras instituições. É importante não deixar a história definitivamente para trás, perdida, inacessível a gerações futuras. Ter acesso à obra de Pixinguinha é ter acesso ao que há de melhor. No início do século XX, o compositor misturou ritmos africanos, americanos e europeus à música dos primeiros chorões, fazendo surgir um ritmo genuinamente nosso. Ajudou a dar forma ao chorinho e escreveu mais de duas mil canções. Um dos maiores clássicos da música brasileira, *Carinhoso*, foi composto em 1917 em parceria com João de Barro. Se fosse vivo, Pixinguinha teria 107 anos. Com o acervo preservado, é imortal...



Preserve suas melhores lembranças

Copie suas fitas VHS e seus filmes super 8 para DVD!

Vanguarda Vídeo

2252-1211

TIRE O S DA CRISE

E CRIE.



Estratégica
Comunicação & Marketing político

- Soluções para publicidade de pequenos e médios anunciantes
- Marketing político

2507-3938/ 9615-1436/ estrategica@infolink.com.br



3

Antonio Torres

Entre menores e melhores

Encontra-se nas livrarias da cidade um simpático volumezinho intitulado *Os cem menores contos brasileiros do século*. Trata-se de uma brincadeira com a antologia do Ítalo Moriconi, *Os cem melhores contos brasileiros do século*, que virou *best-seller*. A idéia foi de Marcelino Freire, um pernambucano radicado em São Paulo, que desafiou cem escritores a escreverem uma história de até 50 letras. E, inteligentemente, convidou o Moriconi para escrever o microprefácio.

Para começar, Marcelino Freire esclarece que se inspirou no guatemalteco Augusto Monterroso, autor do mais famoso microconto do mundo, que é assim: "Quando acordou, o dinossauro ainda estava lá." O impressionante foi a sua capacidade de mobilização: não

faltou quem topasse o desafio. E o volumezinho exhibe um elenco de tirar o chapéu. Ao lado de nomes como Millôr Fernandes, Dalton Trevisan, Moacyr Scliar, Manoel de Barros, João Gilberto Noll e Sérgio Sant'Anna, despontam outros já firmados nas letras ou em vias de afirmação. Todos levaram a proposta na esportiva e o resultado é bem divertido. Como se o conto voltasse ao teor anedótico das suas origens pois, antes de tornar-se um gênero literário, ele era o popular "causo" da cultura oral. Entre estes microcontos há piadas de bom e de mau gosto. A carioca Livia Garcia-Roza dá um exemplo de humor fino, com o seu *Atriz no divã*: - Doutor, o senhor já me viu representar? / - Fora daqui? ("Pano rápido," como dizia o Millôr).

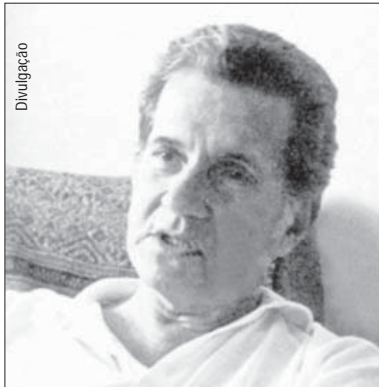


Literatura

O psicanalista que escrevia poemas

Livro abre o baú de Hélio Pellegrino

Ele foi chamado de poeta da psicanálise e homem-comício. Comprou muita briga, e dizem que estava sempre do lado certo... Dono de uma oratória invejável, o poeta e psicanalista Hélio Pellegrino faria 80 anos em janeiro. E para homenageá-lo, a editora Bem-te-vi lança em junho o *Arquívio Hélio Pellegrino*, uma espécie de baú do escritor. O livro reúne seis poemas inéditos (escritos para Maria Urbana quando eram noivos), uma biografia, fotos e cartas inéditas, inclusive cópias de fax enviados por Mário de Andrade e Otto Lara Resende, grande amigo, também mineiro.



Divulgação

Pellegrino foi, antes de tudo, um revolucionário: teve participação ativa na história política do Brasil (foi uma das maiores vozes contra o Estado Novo e um dos fundadores do Partido Socialista Brasileiro e do PT) e criou uma clínica para "deselitizar" a prática psicanalítica. E também foi poeta. O último livro dele é *Minérios domados*, poesias publicadas em 93, cinco anos depois de sua morte, por enfarte. Na época estava casado com a escritora gaúcha Lya Luft, autora dos *best sellers Perdas e Ganhos* e *Pensar é Transgredir*. (F.M.)



O MELHOR BUFFET A QUILO DO RIO

Quentes e frios, opções de carnes, frango e peixe grelhado na hora

Rua Primeiro de Março, 22 - Centro - te/fax: 2224-8207 e 2509-2290
De 2ª a 6ª das 11h às 16h, sábado das 11 às 15h - Aceitamos Ticket, cartões e cheque

DESTAQUES DA SEMANA
2ª feira - Strogonoff de mignon
3ª feira - Bobó de camarão
4ª feira - Cozido a portuguesa
5ª feira - Paella espanhola
6ª feira - Feijoada carioca



Artes Plásticas

4

Um passeio pela história da arte

Coleções das irmãs Klabin juntas pela primeira vez no Rio

Eva e Ema Klabin eram irmãs. Uma morou no Rio, onde hoje há uma fundação com todo o seu acervo – a Fundação Eva Klabin Rapaport. A outra, Ema, viveu em São Paulo, onde está sua coleção. Além do sobrenome ligado a uma família que enriqueceu no ramo de papel e celulose, tinham em comum o interesse pela arte. Ambas morreram na década de 90, mas deixaram de herança mais de duas mil e quinhentas peças, reunidas ao longo de quatro décadas. A mais antiga é de 2.920 a . C. e as mais atuais, da segunda metade do século XX. Parte deste acervo riquíssimo vai estar à disposição do público no começo de junho no Museu Nacional de Belas Artes, na exposição *Universos Sensíveis – as coleções de Eva e Ema Klabin*. É a primeira vez que as coleções das duas vão ser exibidas



Nicolaus Padavinus, de Tintoretto

juntas no Rio. Foram pinçadas quatrocentas obras entre pinturas, esculturas, desenhos, mobiliários, prataria, objetos e livros. Entre os trabalhos estrangeiros (da coleção de Eva) há pequenas esculturas de terracota feitas pelos gregos entre os séculos IV e I a. C., exemplares do Egito antigo e inúmeras madonas que remetem ao Renascimento, com destaque para as telas de Botticelli, além dos gigantescos retratos ingleses, como os de Tintoretto. Do conjunto de obras de Ema há peças em cerâmica da dinastia chinesa

Tang (séc. VIII), mármore gregos, relevos ingleses do gótico tardio e telas dos brasileiros Di Cavalcanti, Lasar Segall, Portinari e Tarsila do Amaral. Neste passeio pela história da arte há ainda a riqueza de Renoir, Rembrandt, Chagall, Frans Post e Mestre Valentim. **(F.M.)**

Violência silenciosa

MAM expõe obras que nasceram na ditadura militar

Trabalhos que lidam com elementos orgânicos, como tecidos, fibras e sangue. Exteriorização de entranhas do corpo humano com claro sentido metafórico, que aponta uma violência velada. Antônio Dias e Anna Bella Geiger foram os primeiros a produzir no país obras em que aparecem vísceras. Isso

em 1960, em plena ditadura militar... Época da repressão, que tinha no corpo do opositor o primeiro alvo. O estilo manifestou-se em diversos momentos na trajetória de outros artistas brasileiros, como Anna Maria Maiolino, Artur Barrio, Glauco Rodrigues, Ivens Machado e Adriana Varejão. O trabalho de todos eles está reunido no

Museu de Arte Moderna a partir do dia 3 de junho, na mostra *Arte Visceral*. As obras pertencem às coleções MAM e Gilberto Chateaubriand, hoje sob a guarda do museu. A exposição pode ser vista até o dia 25 de julho. **(F.M.)**



Divulgação





**Luís
Pimentel**

Aquelas noites juninas

Foi o inocente Dorival quem causou a separação dos pais – Dora e Lourival, como a combinação denuncia – numa noite de São João. Dorinha jogou todo o capricho de mãe na fantasia do caipira-mirim: costeletas e bigodinho feitos com carvão, canino empretecido no crayon, remendos de chita colorida na calça e na camisa. Tava uma graça.

Enquanto isso, Lourival enchia a moringa com licor de genipapo, falando besteiras e gargalhando com os amigos em volta da fogueira. Orgulhosa que só vendo, Dora levou o menino até a calçada, para o paizão conferir o trabalho:

– Tá bonito, não tá, Louro? Um verdadeiro caipira!

E o jumento insensível, entre um arrote e outro:

– Vai lavar a cara desse menino, mulher! A festa é de São João, não é carnaval.

Dora usou a lenha da fogueira para incendiar a casa. Depois sumiu no mundo, levando o pequeno Dori, que não entendeu nada.



Nenga e Valdira namoravam em volta da fogueira.

Assando milho e soltando bombinhas para assustar os mais velhos e divertir as crianças.

Entre um licor e outro, inventaram de pular sobre as brasas, “para ser compadres, que São João mandou”.

Um tição mal-ajambrado provocou a tragédia, derrubando Valdira de pernas abertas entre as labaredas. A coitadinha começou a chorar de vergonha, mas foi logo consolada pelo namorado gentil:

– Chora não, boba. Vai ser bom. Nunca comi assim, *assadinha* na fogueira.

O amor é sonso.



Depois de 30 anos de casamento arrastado, resolveram exercitar o romantismo numa noite de São João. Colocaram as cadeiras na calçada e ficaram a contemplar o céu de junho:

– Olha, Nestor, que lindo balão. Ganha o céu e as alturas, carregando com ele mensagens de paz e de prosperidade.

Um brinde junino à resposta do velho:

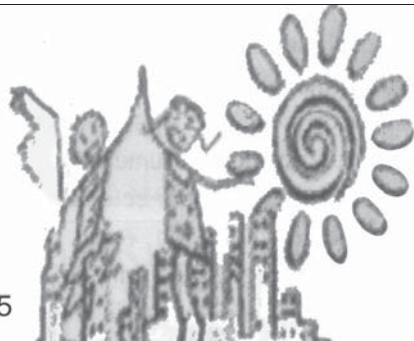
– Deixa de ser tola, Lucila. Qualquer um vai às alturas, quando ainda se tem fogo no rabo.

DOE SOLIDARIEDADE

Associação de assistência
à criança São Vicente de Paulo
casa@casaapoiocancer.com.br

LIGUE: 021 33724612

Deposite: Banerj Ag. 3479 - C/C 09204-5





Sérgio Britto

6

Primeiro foi Nelson Rodrigues. Redescobriram o Nelson Rodrigues (como se ele precisasse ser redescoberto) e passaram temporadas seguidas, criando, recriando, destruindo, abusando, fazendo do Nelson tudo o que lhes passava pela cabeça, e quase sempre não merecendo o Nelson e, o pior, não realizando nem a metade do grande potencial do Nelson.

Com raras exceções, me lembro de duas: *A mulher sem pecado*, com José de Abreu e Luciana Braga, e as versões de Luiz Artur Nunes de suas pequenas histórias de *A vida como ela é*.

Depois veio a segunda vítima, e quem? Nada mais e nada menos que Shakespeare, sem dúvida o maior escritor de todos os tempos. Eu acho pessoalmente que ele é o maior escritor de todos os tempos não só de teatro, mas da literatura em geral. Eu penso assim, muita gente vai discordar. Discordar é bom, discutir, polemizar, mexe com a massa cinzenta nossa de todos os dias, um pouco adormecida nesses dias sem muitas alegrias que estamos vivendo. Pois é, agora é Shakespeare por todo lado. Há um Shakespeare respeitável, o *Macbeth* do Stéphane Brott e da Ana Teixeira, que esteve no CCB. Nós todos admiramos o *Nós do morro*, mas me parece que Shakespeare ainda não é para eles. *Otelo em três minutos* não passa de uma piada.

Agora chegou a vez de Arthur de Azevedo. Só em maio estrearam três peças com textos dele. As *Comédias Cariocas*, no Teatro do Jockey, com Gustavo Gasparian, dirigindo *Amor por Anexins*. O elenco é bom: tem o Gustavo, tem a Claudia Ventura, a Ana Wiltgem.

Nessas *Comédias Cariocas*, sem cenário, só pequenos bancos, cadeiras, uma mesa e os atores vestidos a caráter, tem-se o espírito de Arthur e ainda eles mostram França Júnior e Martins Pena.

Agora o nosso querido Amir Haddad: no passado ele realizou um bom *Mambembe*, obra prima do Arthur. Esse espetáculo aconteceu na Casa das Artes de Laranjeiras (CAL) e depois passou para o Teatro Cacilda Becker, se não me engano. Havia muito Amir, sabem como ele é, muito barulho, muitas interrupções no texto original, mas era Arthur, e um bom Arthur. Agora no Teatro Villa-Lobos, ele mexeu na platéia do teatro. Nada mau até aí, eu detesto aquela inclinação, não sei se é problema da minha idade: difícil subir ou descer e difícil também de ver. Até a quinta fila, você está num teatro normal, daí em diante, está apenas numa inclinação estúpida que não permite ver bem nada, nem o cenário, nem os atores.

Amir espalhou o público e o colocou também no palco.

E anuncia, palavras do Amir: "abandonei

a estrutura de Arthur, sua dramaturgia tradicional".

Ele usa um narrador que conta a história (um narrador contando a história, ah, Amir!) e depois o elenco canta as músicas.

"A idéia", diz Amir, "é ir aos poucos incluindo algumas cenas".

Eu se fosse você, chamaria isso de *O Mambembe – o recital*, deixava o narrador e quem quisesse só as músicas, que fosse lá assistir. Só que as músicas deliciosas, eu fiz *O Mambembe*, sei que elas são deliciosas, são meio afrancesadas, quase todas muito inspiradas na opereta francesa, então não podem representar o melhor de *O Mambembe*, ingênuo e tão divertido texto do Arthur.

Os F. Privilegiados pegaram o texto de *A Capital Federal* e com direção de João Fonseca, talentoso diretor, creio eu de muito futuro, e apenas se inspiraram no texto de *A Capital Federal*. É verdade que ele chama o seu espetáculo de *O Carioca* e nele mistura a trama de *A Capital Federal* com crônicas e esquetes sobre o Rio de Janeiro de hoje.

O Rio mudou muito pouco, é o que a peça tenta mostrar, nós já sabemos disso há muito tempo, desde os tempos do Arthur, que dizia num momento do texto de *A Capital Federal*:

"Aqui há muita liberdade e pouco escrúpulo, faz-se a tentação do vício, não se respeita ninguém, é uma sociedade mal construída".

Boatos da Ouvidor, da diretora Maria Cristina Gatti (boa atriz sumida) também usa parte do texto de *A Capital Federal*, no seu espetáculo que começou lá no Armazém do Manuel, Armazém 5. *Boatos da Ouvidor* porque esse boatos apareciam em jornais, quase todos eles instalados na querida Rua do Ouvidor.

Cristina ressalta que Arthur é eterno, seus personagens arquetípicos – a mulata, o aristocrata e o malandro podem ser encontrados nas ruas do Rio até hoje. Arthur é eterno, pois é. Então porque não refazer suas peças como elas são e não usar apenas trechos, por que narrador e só a música, por quê?

A vítima agora é o Arthur. Vamos esperar para ver quem será o próximo. Meu pensamento é assim: querem fazer algo sobre o Rio, escolham material variado, inclusive do Arthur, do Martins Pena, do França Junior, do Viriato Corrêa, tanta gente, mas façam um texto/roteiro com essa gente toda, mas não peguem uma peça de um desses autores, cortem de qualquer maneira e pretendam estar realizando o Martins Pena, o França Junior, o Arthur.

Gente criativa do meu Rio, crie de uma vez algo de vocês, com base em todos os escrevinhadores cariocas, mas não estopie peças de gente como Arthur Azevedo!



Teatro

7

A sedutora Vera Fischer



Atriz é Mrs. Robinson em *A primeira noite de um homem*

Uma reunião de família no palco. Em *A primeira noite de um homem* Vera Fischer contracena com a filha Rafaela e o ex-marido Perry Salles, de quem hoje é grande amiga. Ela faz Mrs. Robinson, uma cinquentona provocante que inicia um rapaz de vinte e poucos anos no mundo do sexo e da sedução. Rafaela encarna a filha da protagonista, por quem o jovem mais tarde vai se apaixonar. O papel do amante inexperiente coube a Armando Babaioff, escolhido entre mais de 300 candidatas.

A primeira noite de um homem é baseada num filme americano de 1967, com Anne Bancroft e Dustin Hoffman. A trilha sonora do longa é assinada por Simon e Garfunkel. A peça tem direção de Miguel Falabella e até o fechamento desta edição não estava confirmada a nudez de Vera. A estréia é dia 2 de junho, no Teatro Clara Nunes. **(F.M.)**

Recital com letras de música

Naum Alves de Souza dirige espetáculo de Pedro Paulo Rangel

Pedro Paulo Rangel - o PP - vai encenar uma peça diferente. Em *Soppa de Letra* (assim mesmo, com o pê dobrado por causa do apelido do ator) ele faz um recital em que mostra a riqueza da produção poética da música brasileira.

Acompanhado por um trio de instrumentistas, PP declama versos de Cartola (*Vou contar tim-tim por tim-tim*), Chico Buarque (*Lilly Brown*), Aldir Blanc (*Incompatibilidade de gênios*), da rapper Nega Gisa (*Prostituta*), e



outros. Até Flávio Cavalcanti, aquele apresentador famoso nas décadas de 50 e 60, é lembrado, em *Manias*.

Soppa de Letras marca o reencontro de Pedro Paulo com Naum Alves de Souza, o diretor do espetáculo. Os dois foram parceiros assíduos na década de 80 (fizeram sucesso com *Um beijo, um abraço e um aperto de mão* e *A aurora da minha vida*) e não trabalhavam juntos há dezoito anos. A peça estréia para o público dia 25 de junho, no

de tantos Centro Cultural da Justiça Federal. **(F.M.)**

**ACADEMIA
NACIONAL
DE ATORES**

Início em julho

Inscrições abertas

Curso Regular de Interpretação para TV e Cinema
Sura Berditchevsky / Wallaceh Meirelles / Silvio Guindane

Laboratório do Ator - Ricardo Blat

Oficina Prática de Roteiro - Walcyr Carrasco (autor de *Chocolate com Pimenta*)

Oficina de TV para crianças - Sílvia Pareja (preparadora de atores da TV Globo)

Tel (021) 3209-1616

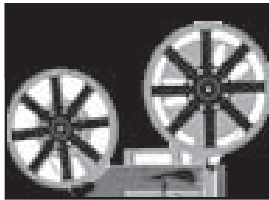
R. Oliveira Fausto, 06, Botafogo / www.academianacionaldeatores.com.br





Por Leonardo Luiz Ferreira
email: leonardo@brasbyte.com.br

8



Sétima Arte Sétima Arte Sétima Arte

Entrevista com Paulo Thiago



Divulgação

O diretor Paulo Thiago pertence à segunda geração do Cinema Novo. Ele nasceu em Minas Gerais e se radicou no Rio de Janeiro. No dia 14 de maio, lançou *O Vestido*, seu décimo longa-metragem, baseado em um poema de Carlos Drummond de Andrade. A obra, um melodrama assumido, vai à contramão do cenário cinematográfico brasileiro na atualidade. Paulo Thiago concedeu uma entrevista extremamente franca em que analisa cinema, religião, amor, Glauber Rocha e ainda antecipa seu próximo projeto.

LEONARDO: Há dois anos o senhor lançou o docu-drama sobre Carlos Drummond de Andrade intitulado *Poeta de Sete Faces* e agora *O Vestido*, baseado em um poema do mesmo autor. Qual a justificativa para esse fascínio pela obra de Drummond? Os dois projetos nasceram juntos?

PAULO THIAGO: Não. Sempre foi meu projeto fazer o filme do *Caso do Vestido*. Como a paixão por Drummond vem da adolescência, me dei conta de que não havia um docu-drama sobre a poesia/vida do escritor. Partii para fazê-lo depois de ter feito o argumento de *O Vestido* e enquanto eram levantados os recursos. Um saiu antes do outro porque é mais fácil e barato filmar um documentário. A fascinação por Drummond é fácil de explicar: sou também mineiro, ligado a temas universais e acho que a poesia é um misto de filosofia e literatura sintetizada com palavras justas e belas que provocuem emoção. Isto faz Drummond em suas várias fases: o modernista (anos 30), o poeta social e político (anos 40), o filosófico quase metafísico (anos 50), o experimentador e memorialista (anos 60 e 70), o oculto erótico (publicado após sua morte) - ele é de longe o maior poeta brasileiro e rivaliza na língua portuguesa com Fernando Pessoa e Camões.

LEONARDO: Max Ophuls e Douglas Sirk foram os principais expoentes do melodrama entre as décadas de 40 e 50. E o cinema italiano, com Valerio Zurlini e Mauro Bolognini, nos anos 60. Por que a opção pelo gênero? Não há receio de soar anacrônico?

PAULO THIAGO: O gênero não é anacrônico, nenhum é, haja vista o *western Os Imperdoáveis*, de Clint Eastwood. Quanto ao melodrama, ele vem sendo revisto e relido por Ripstein e Inarritu (*Amores Brutos*) no México, por Aranda e Almodóvar na Espanha, e tinha sido por Fassbinder na Alemanha. Está moderníssimo. O que falta é coragem dos brasileiros que só fizeram o seminal *Ganga Bruta*, de Humberto Mauro, e *Floradas na Serra*, com a Cacilda Becker. A moda agora é miséria, criminalidade, sintomas do país caótico. É mais fácil, emplaca logo e agrada os europeus que nos condenaram ao cinema político e social. Existe, porém, o maior melodrama de todos com máscara de filme social: *Central do Brasil*, de Walter Salles, uma espécie de *Marcelino Pão e Vinho*, onde uma bruxa transforma-se em fada madrinha para salvar um garotinho. A diferença é que em *O Vestido* eu tive a firmeza de assumir o gênero que pelos ignorantes é usado até como adjetivo de algo menor. Só para lembrar: o gênio Buñuel fez alguns no México.

LEONARDO: O par central da película é interpretado por Leonardo Vieira e Gabriela

Duarte. Como foi trabalhar com atores de pouca experiência cinematográfica?

PAULO THIAGO: Gabriela tinha formação com Antunes Filho e até estudou um ano no Actors Studio. É uma atriz séria e estudiosa. As suas oportunidades foram na TV ao lado da mãe, o que lhe deu poucas chances interpretativas. Ensaiamos um mês e meio, ela fez pesquisas sobre a personagem. Não foi por acaso que ganhou o Colón de Prata em Huelva, na Espanha. Fez um mergulho, deu a volta por cima. Já o Leonardo conheci no palco fazendo *D. Rosita, a Solteira* - um Lorca traduzido por Drummond. Achei perfeito. Sedutor, belo e com o olhar frágil que o personagem precisava. Depois vi dois capítulos de *Os Maias* onde estava impactante. Leonardo talvez seja o único galã bom ator do Brasil - une beleza e interpretação.

LEONARDO: A religião (católica, candomblé) e a crença popular (vidente, cartomante, pacto) estão muito presentes em sua filmografia. Como definiria a importância desses elementos em seu cinema?

PAULO THIAGO: Inexplicável. Sou um ateu, ainda existencialista-camusiano, com forte marca do marxismo. Discordo do pensamento religioso no plano racional. Mas há algo místico em mim. Fui criado em colégio católico, no São Bento, semi-interno, um verdadeiro monastério. Pensava até em ser monge até que li *O Estrangeiro*, de Camus, e minha cabeça virou pelo avesso. Mas as crenças, o misticismo, são sentimentos até poéticos que moram no meu inconsciente e brotam na criação artística.

LEONARDO: Os roteiros de sua obra abordam, normalmente, a busca pelo amor e a mudança de vida. É mais fácil trabalhar com o consciente coletivo, apegado aos anseios da realidade, do que com a fantasia autoral?

PAULO THIAGO: Ambos. Minha formação em Sociologia e Economia me volta para o real, o Brasil concreto. Minha veia artística para um certo romantismo. Por isso me liquei tanto ao personagem Policarpo, quixotesco e sonhador na pátria imaginária brasileira e com o povo feliz. Quanto ao amor, creio nele. Fiz *O Vestido* talvez por esta razão. Ana Beatriz Nogueira é uma Penélope que crê na "religião do amor", Gabriela é aquela possuída pela paixão que sofre e se redime. A mudança da vida não pode também ser apenas um sonho, é algo que praticamos todos os dias. Pode observar que meus últimos filmes sempre experimentam gêneros diferentes: o policial (*Águia na Cabeça*); o *road-movie* de ação externa e interior (*Jorge, Um Brasileiro*); o filme intimista (*Vaças Para Moças de Fino Trato*); a farsa política (*Policarpo*); o "ensaio" poético sobre Drummond (*Poeta de Sete Faces*); e

Sétima Arte Sétima Arte Sétima Arte Sétima Arte

agora o melodrama com *O Vestido*. Meu próximo projeto é um filme de fatos reais, um *true-story*. Tem sido o roteiro mais difícil, um desafio falar de coisas que aconteceram numa linguagem de ficção sem virar documentário.

LEONARDO: Há uma forte ligação sua com o Cinema Novo, seja na estética e conteúdo em *Sagarana* ou nas homenagens a *Boca de Ouro*, de Nelson Pereira dos Santos, em *Águia na Cabeça*, e a *O Pagador de Promessas*, de Anselmo Duarte, em *O Vestido*....

PAULO THIAGO: Sim, tudo começou com o Cinema Novo, do qual pertencço à segunda geração. Foi duro ser filho de algo já consagrado e manter sua personalidade, não copiar, não querer ser gênio como Glauber - a doença que atinge 90% de nossos cineastas. Aliás, o conheci e falávamos muito de cinema. Glauber adorava espetáculo, Sergio Leone e dizia que seu *Dragão da Maldade* era um filme de Hawks como *Rio Bravo*. Só se escrevem e filmam besteiras sobre Glauber, um intelectual sério e culto, que pirou após 1972 por razões pessoais. Mas quero ficar longe dessa novela. Guardo dele com carinho a sua dedicatória no romance *Riverão Sussuarana* e a crítica sobre meu primeiro filme *Os Senhores da Terra* (1970), premiado em KarlovyVary. Abria-se em elogios, o que muito me honrou e estimulou a continuar.

LEONARDO: O interesse por cinema retornou. Há desde a popularização do DVD ao renascimento dos cineclubes e uma nova cena que ganhou força na produção digital. Como o senhor analisa o estágio atual? Em termos de captação de recursos, houve melhora?

PAULO THIAGO: Captar recursos sempre foi e continua a ser difícil em um país que nunca consolidou uma indústria. De qualquer forma é positiva a conjugação com a TV, fato recente que pode ajudar muito, assim como a distribuição das *major*s estrangeiras. No novo milênio não se pode rejeitar nada, nem ter radicalismos ideológicos primários. A lógica da guerra fria é coisa do "curto sec.XX" como

chamou Hobsbawm. O governo é que precisa investir mais em distribuição e a crítica, sem perder sua liberdade de opinião, pensar mais na sua responsabilidade como jornalista com uma cinematografia que luta contra gigantes. Nestas semanas, *O Vestido* enfrenta sua guerra de Tróia.

LEONARDO: Para aqueles que estão começando, quais seriam os principais conselhos?

Paulo Thiago: Não tenho conselhos para ninguém. Quem ama o cinema precisa de paixão e certa humildade - a busca da fama rápida é nociva. O Brasil, dizia Tom Jobim, "é um país para profissionais e o sucesso um insulto".

LEONARDO: Qual será seu próximo projeto?

PAULO THIAGO: Meu novo filme já foi rodado e encontra-se em fase de edição. Ele se chama *Coisa Mais Linda* e é sobre o nascimento da Bossa Nova (de 57 à 62/63). Com Menescal e Lyra, percorro as ruas e os pontos do Rio onde tudo nasceu. Eles contam histórias divertidíssimas e cantam. Depois filmei Donato, Billy Blanco e Alf (precursores), o Paulo Jobim falando do pai, as cantoras vivas como Leny de Andrade, Claudete Soares, Alaíde Costa e Wanda Sá. Tem também bossanovistas esquecidos como Sergio Ricardo,

Durval Ferreira, Bebeto (do Tamba Trio) etc. São 40 horas filmadas misturando digital com película super 16mm, além do material de arquivo.



FILMOGRAFIA:

Os Senhores da Terra (1970)
Sagarana, O Duelo (1974)
Soledade (1976)
Batalha dos Guararapes (1978)
Águia na Cabeça (1984)
Jorge, Um Brasileiro (1989)
Vagas Para Moças de Fino Trato (1993)
Policarpo Quaresma: Herói do Brasil (1998)
Poeta de Sete Faces (2002)
O Vestido (2004)

Video Locadora

PARADISE

11 anos de fortes emoções

• CLÁSSICOS • CULTS • NACIONAIS •
• EUROPEUS • FILMES GLS • DVD •
• LANÇAMENTOS •

www.paradisevideo.com.br
☎ 2255-1025 ☎ 2257-2315 ☎

Segunda à sábado de 10:00 às 22:00h.
Domingo de 14:00 às 20:00h

Rua Figueiredo Magalhães, 581/C
Copacabana



Vídeo

10

NA PRATELEIRA

Por Leonardo Luiz Ferreira
email: leonardo@brasbyte.com.br

O ÚLTIMO SAMURAI (*The Last Samurai*)

Direção: Edward Zwick Elenco: Tom Cruise, Ken Watanabe. Realmente quem não assistiu a nenhum filme do mestre Akira Kurosawa deve se impressionar. Mas é um grande arremedo da obra do cineasta japonês. O diretor Zwick segue à risca a cartilha de drama redentor, com direito a par romântico e volta por cima, e para garantir o emprego coloca o astro Tom Cruise - em um



Divulgação

teatrinho particular cansativo e limitado - em 98% das tomadas, e mesmo assim o japonês Watanabe consegue ofuscá-lo. É um perigo quando atores se transformam em *sex symbol* e celebridade. O conflito interno do personagem, que o leva à mudança, está minimizado a um *parco flashback*, que se repete por três ou quatro vezes. Na verdade, Cruise não tem muito que aprender e já passa a ensinar aos samurais. A sua evolução é tão meteórica que ele se torna mais corajoso do que pessoas que sempre viveram aquela situação. Faltam figurinos, grandes cenas de batalhas e, sobretudo, ousadia. Era o filme de Oscar, porém naufragou até nessas pretensões, e só conseguiu quatro indicações. **Cotação: regular.** EUA, 2003, Épico. (VHS/DVD)

SOBRE MENINOS E LOBOS (*Mystic River*)

Direção: Clint Eastwood Elenco: Sean Penn, Kevin Bacon. Eastwood já havia demonstrado seu talento através das câmeras desde sua estréia com o bom *Perversa Paixão*, um thriller de obsessão amorosa que precedeu a vários, entre eles *Atração Fatal*. Com o passar do tempo, ele foi se tornando um cineasta consistente, mesmo não sendo um autor de características marcantes, e nunca abandonando a carreira de ator. A consagração veio com o excelente *Os Imperdoáveis*, o canto do cisne, até então, do gênero faroeste. Agora, mais de 10 anos depois, Clint surpreende e realiza o melhor filme americano produzido em 2003. Não só discute a violência, como também a inocência perdida e a hipocrisia da sociedade. O elenco está perfeito - em especial Sean Penn e Tim Robbins, que venceram respectivamente o Oscar de ator e coadjuvante - e demonstra emoções à flor da pele em um paiol de segredos e mentiras, que corrói a família e a amizade. A vida dos três envolvidos em um acidente acabou ali, mas só teve um ponto final anos depois, e o presente e o futuro não existem, apenas uma representação pautada por um fingimento cínico. Histórias que um rio ou uma cidade ainda teimam em esconder, mas sempre chega o momento da explosão. **Cotação: excelente.** EUA, 2003, Drama. (VHS/DVD)

SALOMÉ (*Salome*)

Direção: Carlos Saura Elenco: Aída Gómez, Paco Mora. O espanhol Saura, do ótimo *Cria Cuervos*, já demonstra um esgotamento criativo e ainda fez plágio, bem inferior aos seus melhores filmes, de si mesmo. A obra está dividida em duas partes: a primeira é documental, em que se narra friamente e sem elaboração os bastidores de uma montagem teatral; e no segundo momento se filma um ensaio de uma Companhia de Dança usando como temática a história de Salomé e São João Batista. Torna-se extremamente penoso assistir para quem não

aprecia, de alguma forma, dança. É um trabalho pobre para um diretor de renome, que mais parece ser um especial de TV a cabo. Um longa de divulgação de um espetáculo que jamais vai estrear. A principal dançarina do elenco traduz a arte e decreta a antítese do filme: "É preciso ter emoção. Fazer o que gosta para transmitir". E Saura pode ter feito tudo, menos cinema. **Cotação: ruim.** Espanha, 2002, Musical. (VHS/DVD)

DOGVILLE (*Idem*)

Direção: Lars von Trier Elenco: Nicole Kidman, Lauren Bacall. Apesar de não ter vencido nenhum prêmio relevante, algo que não diminui em nada seu valor, foi a grande polêmica cinematográfica de 2003. A figura de Lars von Trier soa pretensiosa - ele até brinca com seu sobrenome pomposo no documentário *As Confissões de Dogville* e ainda todos afirmam de que se trata de um ditador, chegando inclusive a brigar com o elenco. Isso tudo faz com que crítica e público assistam aos seus longas já com um preconceito formado. Mas ele é exatamente quem anda fazendo a diferença no cenário atual, promovendo discussões e debates - caminhos para se pensar e fazer cinema. *Dogville* é a confirmação de sua força narrativa, que jamais se repete, que experimenta à exaustão novas possibilidades, sempre provocativo e original. No mesmo filme, Lars mistura cinema, teatro e literatura. Muito se comenta sobre o antiamericanismo latente, que de fato está presente, entretanto a obra pode ser vista sob diversas óticas. A base fundamental é o homem e sua natureza, aquilo que queremos esconder, mas emerge do âmago e já não se pode controlar. Um dos grandes trunfos para o êxito da empreitada está na escolha de Nicole Kidman para o papel principal. Ela representa hoje a estrela, a queridinha da América, que embarca em um *tour-de-force* e vai perdendo o *glamour* a cada seqüência, transformando sua inocência em algo vil e com uma beleza, cada vez mais, gélida.



Divulgação

Ao eliminar cenários grandiosos e apenas delimitar o espaço, abrem-se as portas da imaginação e percepção. São três horas em que se desnuda todos os pilares sócio-econômico-político, para se aproximar da essência humana. O final é bombástico e a reflexão de von Trier está no equivocado regozijo e delírio da platéia ao vibrar por sua heroína, como nos filmes americanos - em especial as aventuras heróicas de *Homem-Aranha* e *Demolidor*, em que uma pessoa comum zombada por semelhantes se transforma no defensor. A identificação instantânea do oprimido, que consegue se vingar, vai de encontro ao íntimo de cada um que sonha em se rebelar. Mas está aprisionado internamente, e é um mero espectador no palco da vida. Aquele mesmo que muda de rua ao visualizar um mendigo. E mais fácil fingir não ver a si mesmo e ao próximo do que estender a mão. Nicole muda a cidade ou a cidade a muda? O espectador é que sai mudado. *Dogville* é os Estados Unidos, Tóquio, é o Rio de Janeiro. *Dogville* é o mundo. **Cotação: excelente.** Dinamarca, 2003, Drama. (VHS/DVD)



A trajetória do poeta do rock

Chega às telas drama musical sobre a vida de Cazuza

Divulgação

O tempo na Terra parou cedo para Cazuza. Mas não para os fãs do poeta do rock... E este mês, eles matam as saudades através das telas de cinema. Com estréia marcada para o dia 11, *Cazuza - O tempo não pára* relembra passagens importantes: o começo no Circo Voador nos anos 80, o Barão Vermelho, as músicas, a vida desregrada, a bissexualidade assumida (embora casos amorosos, como o com Ney Matogrosso, tenham ficado de fora), a aids, o fim em 1990, aos 32 anos. A proximidade da morte parece ter inspirado ainda mais o compositor. Depois de assumir publicamente a doença, fez letras memoráveis.

Para interpretar a vida intensa e sem limites de Cazuza, o ator Daniel de Oliveira emagreceu 12 quilos e ficou incrivelmente parecido com ele. Marieta Severo faz Lucinha Araújo, a mãe incansável, sempre ao lado do filho. Foi Lucinha, aliás, e João (pais de Cazuza) que escolheram o ator



nos testes para o filme de Sandra Werneck. Acharam que ele teve uma "atitude Cazuza" quando, ao improvisar o momento em que descobre ser portador do vírus HIV, engoliu um papel e disse, com os olhos cheios d'água: "Meu futuro é duvidoso", verso de *Bete Balanço*, um dos primeiros sucessos do cantor. **(F.M.)**

Doses caprichadas de humor negro

Tom Hanks quer matar velhinhas em filme dos irmãos Coen

Explosões, piadas escatológicas, corpos jogados em balsas de lixo e até um gato que rouba um pedaço de dedo. Os irmãos Coen capricharam na



Divulgação

dose de humor negro em *Matadores de Velhinhas*. O filme conta a história de um grupo de ladrões que planeja assaltar um cassino, mas antes tem que matar uma senhora que está atrapalhando tudo... Mas nada sai como deveria. O líder do bando é o golpista Goldwait, interpretado por Tom Hanks. O ator inventou uma risadinha irritante para o personagem, que vive citando o mestre do suspense Edgar Allan Poe em diversos trocadilhos.

O longa-metragem tem previsão de estréia para o dia 25 de junho e é uma refilmagem de *O quinteto da morte*, comédia inglesa de 1955 estrelada por Peter Sellers e Alec Guinness. **(F.M.)**



CICLO DE LEITURAS
Marco Polo

Dia 15 de junho às 19:30h - Solenidade de comemoração
Com a presença de vários artistas!

2 anos de atividade

Troque 1 Kg de alimentos não perecíveis por um ingresso na bilheteria meia hora antes do início do espetáculo.
Os alimentos serão doados ao Retiro dos Artistas.
Sala Baden Powell - Av. N.S. de Copacabana, 360

MAIS DE 50 ANOS DE TRADIÇÃO

CONFEITARIA MANON

ESPECIALIDADE: PÃO DOCE MADRILHENHO

Variedades de doces, tortas, bolos, biscoitos amanteigados, pão integral, pão de forma, salgados...

RESTAURANTE COM AR CONDICIONADO
BUFFET A QUILO VARIADO
O MELHOR DO CENTRO

AGORA COM NOVAS INSTALAÇÕES PARA MELHOR SERVIR SEUS CLIENTES - OFERECEMOS AMPLO SALÃO PARA SUAS REUNIÕES, COFFEE BREAK, CASAMENTOS - 15 ANOS.

ACEITAMOS ENCOMENDAS E ENTREGAMOS EM DOMICILIO

☎ 2221-0245 / 2221-0246
2221-0249

Rua do Ouvidor, 187/189
(Em frente a C&A)

FUNCIONAMOS DE 2ª A 6ª DAS 11H ÀS 16H - SÁBADO ATÉ 16H



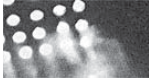
**José
Louzeiro**

12

Mustafá, o grande mafioso

Durante o ano de 1955 eu ainda tinha tempo de escrever reportagens para a revista Manchete, do meu saudoso amigo Adolfo Bloch. A última delas intitulava-se *Conexão bomba* e foi o próprio Adolfo que me deu a pauta. Tratava-se do assassinato de um norte-americano, seu vizinho, na Avenida Atlântica. Bloch morava do Edifício Chopin, o crime aconteceu no Ballada, 1782, bem ao lado. A vítima chamava-se Nasser Mustafá Beydoun, tinha 52 anos, era libanês naturalizado. Ocupava um apartamento de catorze cômodos e estava foragido de organizações policiais do Oriente Médio, da CIA e do FBI. Que teria ele feito de tão grave? Era o vendedor de armas para Saddam Hussein. Detalhe: o que negociava com o então líder iraquiano, oferecia aos curdos, iranianos e xiitas. Nessa época o chileno Carlos Cardeon (até hoje foragido) tinha inventado uma arma fantástica que

vinha interessando a diversos governos. O ditador Hussein, entre eles. Tratava-se de uma bomba "guarda-chuva" que, lançada por um foguete, a 400 metros de altura fazia explodir um artefato do tamanho de uma bola de golfe. De dentro saíam 150 grãos de "ervilhas atômicas", cada uma delas poderia destruir um bairro com mais de mil moradores. Mustafá ganhava US\$ 500 por "ervilha". Com tanto dinheiro, sabia conquistar amigos utilizando-se de um método infalível: emprestava altas somas em dólar e, na condição de credor, não apertava os devedores. O esperto traficante morreu misteriosamente e a mídia brasileira, na época, ninguém sabe o porquê, pouco falou do assunto. Quando Adolfo me convocou para cobrir o caso, disse que somente a Manchete daria destaque ao homicídio que agora transformo em livro a ser lançado pela editora A Girafa, de São Paulo.



Show

Alcione solta a voz no Canecão

Marrom apresenta álbum novo aos cariocas

Faz uma loucura por mim, o novo disco de Alcione, é a inspiração para o show que a Marrom faz no Canecão, de 3 a 6 e de 10 a 13 de junho, acompanhada da Banda do Sol, com coreografias de Carlinhos de Jesus, direção geral de Solange Nazareth e direção musical de Jorge Cardoso. Além de conhecidos sucessos, o repertório inclui algumas das novas canções, como: *Você me vira a cabeça (Me tira do sério)*, *Mais um barco* (de Vander Lee), *Primo do Jazz* (de Magnu Souza/ Nei Lopes) e *Na hora da raiva* (regravação do hit de Wanderléa, de autoria de Roberto e Erasmo). Entre as antigas, *Qualquer dia desses*, *Meu vício é você*, *O surdo* e *Além da Cama*.

Alcione já faturou grandes prêmios, como o Grammy, e está chegando aos 100 mil discos vendidos. O álbum, com samba, forró, pitadas de beguine, jazz e de salsa maranhense, abre espaço para compositores jovens como Vander Lee e Telma Tavares,



Ricardo Poock

e reafirma nomes consagrados como Ney Lopes, Jorge Aragão e *hitmakers* como Michael Sullivan, Carlos Colla e Paulo Sérgio Valle. A boa safra maranhense também marca presença nas composições de Gerude, Erivaldo Gomes e Ronald Pinheiro, além de Roberto e Erasmo Carlos. **(G.C.)**

Ricardo Poock
Fotografia
Profissional

pooock@domain.com.br

(xx21)2527-5519/9666-5469

Fotografe seus melhores momentos!

Shows, Teatro, Dança e apresentações em geral.

Mais de 100 artistas fotografados em cena!



Televisão

13

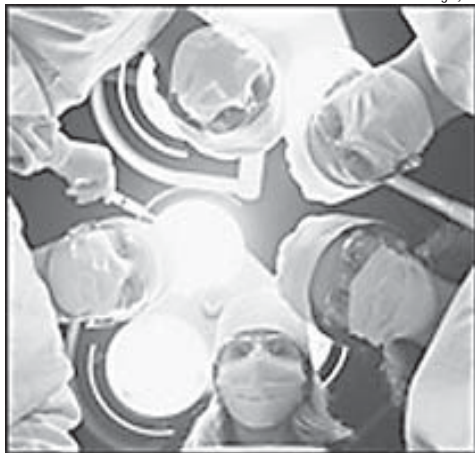
Um hospital assustador

Estréia na AXN minissérie de Stephen King

Divulgação

Imagine aonde chega a imaginação de Stephen King quando a história se passa dentro de um hospital cheio de fenômenos paranormais e mortos vagando pelos corredores... A minissérie de suspense *Kingdom Hospital* – a primeira experiência de King na TV- estréia em junho na AXN e narra contos horripilantes em um hospital da Dinamarca, construído sobre as ruínas de dois incêndios. O primeiro causou a morte de dezenas de crianças e o segundo destruiu o lugar onde um médico fazia experiências em pacientes. É fantasma que não acaba mais e uma luta eterna entre o bem e o mal...

O americano Stephen King é considerado o mestre do horror contemporâneo e teve vários livros adaptados para o cinema. Entre os mais famosos estão *Carrie*, *a estranha*, *O iluminado*, *Louca*



Obsessão, *O Cemitério Maldito* e *A hora da zona morta*. (F.M.)

Para os aficcionados por Jornada nas Estrelas

USA exhibe a quarta temporada de *Deep Space Nine*

Uma boa notícia para os *trekkers*. Estréia no dia 5 de junho no canal USA a quarta temporada de *Deep Space Nine*, considerada a melhor das três séries

do universo Jornada nas Estrelas por conter temas mais adultos. A história se passa em um satélite de mineração que fica na órbita do planeta Bajor, usado como estação espacial pela Federação dos Planetas Unidos. Os desregrados representantes de Bajor entram em conflito com os disciplinados tripulantes da Federação, já que todos os seres da galáxia querem controlar a fenda espacial que existe no planeta.

Os novos episódios marcam a volta da nova geração do tenente Worf. Outros personagens da aventura são O'Brian, o ex-oficial de transporte da Enterprise; Dr. Julian Bashir, médico recém-formado da Federação; o transmorfo Odo, oficial de segurança que pode assumir qualquer forma e a tenente Jadzia Dax, que carrega um ser que já teve outras seis vidas. (F.M.)



Divulgação



espaço
BOMTEMPO
centro de formação de atores

CINEMA-TEATRO-TV

2245-7901 – 2558-9108
espacobomtempo@uol.com.br

CHÁ & SIMPATIA
Casa de Chá, Lanches e Almoços

Deliciosas Tortas, Salgados e Doces Finos
Caseiros e Diet's
Entregas em domicílio

2554-8662

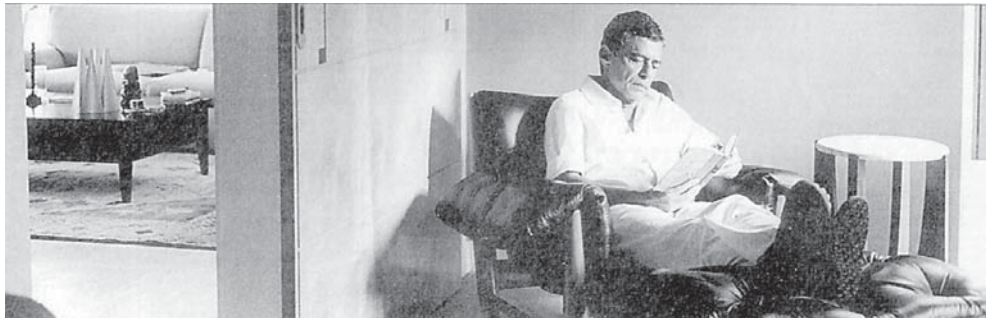
R. Barão de Icarai, 33 Loja 106
Shopping 177 - Flamengo



O gênio faz 60

Caixa com CDs e DVDs celebra Chico Buarque

Divulgação/Bruno Veiga



Dia 19 de junho é o dia dele: o compositor, o escritor, o poeta, o conhecedor da alma feminina, o genial Chico Buarque. É o dia em que faz 60 anos. E toda comemoração é pouca pela contribuição do artista que há mais e quatro décadas enriquece a cultura brasileira. Para marcar a data, a BMG lança logo no começo do mês a caixa *Francisco*, com todos os trabalhos que o cantor realizou na gravadora: doze CDs e dois DVDs. Os discos mais antigos foram remasterizados e todas as capas são originais. Nos encartes, letras,

informações técnicas e depoimentos de Chico sobre seu processo de criação.

Os DVDs são os únicos da carreira do compositor. Um deles é o show-documentário *Chico e os pais da delicadeza perdida*, dirigido por Walter Salles para a TV francesa em 1990. O outro é o registro ao vivo do espetáculo *As cidades*, gravado em São Paulo em 2000.

A caixa *Francisco* reúne ainda uma compilação de textos escritos com Edu Lobo para o teatro e o projeto especial de que o músico participou quando foi enredo da Mangueira. **(F.M.)**

Mais uma festa garantida

Jorge Benjor lança disco de inéditas



Divulgação

Depois de oito anos sem gravar novidades, chega às lojas em junho o CD de Jorge Benjor, só de inéditas. São 17 músicas ao todo no recente trabalho do rei do balanço. Entre elas, *O Rei é Rosacruz*, *História do Homem*, *Careca*, *Janáina Argentina* e *Zé Blueman*. Em *Maria Helena e Chiquinho*, Benjor faz uma homenagem ao casal de mestre-sala e porta-bandeira da Imperatriz Leopoldinense, e usa o latim em *Turba Philosophorum*. Há, ainda, o funk *Hoje é dia de festa*, gravado por Elza Soares, e o tema composto para a cinebiografia de Pelé, com previsão de estréia no começo de junho nos cinemas. **(F.M.)**



TÁ OLHANDO O QUE

Anuncie: **9666-5469**

anúncios a partir de **R\$ 80,00**



De outros carnavais

Ricardo Pooch

Uma verdadeira exaltação ao samba aconteceu dia 17 de maio, no Teatro João Caetano. Reunidos no palco: Ary, Genuíno, Mocinho, Miguel, Jurandir, Quincas, Zezinho e Siqueira; no coro, com direito a apresentações individuais, Tia Zélia, Soninha, Sapoti, Erivá e Zenith – a velha guarda da Mangueira.

Sob o comando de Josemar Monteiro no violão de 7 cordas, a turma prestou uma homenagem aos 76 anos da Estação Primeira, comemorados em 28 de abril.

O espetáculo, no Teatro João Caetano, proporcionou aos felizardos que assistiram momentos de rara beleza. Desfilando alguns dos mais belos sambas-enredo da escola, seus integrantes trouxeram para o palco o clima da quadra.

A platéia, mais heterogênea impossível:

Ricardo Pooch



senhoras de idade, mocinhas, gente simples da comunidade, gente de paletó, turistas, tinha de tudo um pouco. Uma verdadeira Babel.

Embalados pelo samba, uns com ritmo, outros nem tanto, todos se sacudiam nas poltronas do teatro, cantavam e batiam palmas acompanhado a música. Era impossível ficar indiferente àquela música de qualidade, tocada e interpretada com competência por gente que tem prazer em fazer isso.

Prazer. Talvez seja a palavra-chave. Essa gente tem prazer em fazer, tocar, cantar enfim, viver o samba, viver pro samba. Graças a Deus ainda podemos desfrutar da companhia destes baluartes da cultura musical brasileira que carregam consigo a responsabilidade de transmitir às gerações futuras os ensinamentos do samba! **(R.P.)**





REUMATOLOGIA

TRAUMA-ORTOPEDIA

HIDROTERAPIA

FISIOTERAPIA

R.P.G. - ACUPUNTURA

PILATES - RAIOS-X

ULTRASONOGRAFIA

Programas de TRATAMENTO:

- Osteoporose - Coluna Vertebral
- Artrose- Artrite Reumatoide
- Fibromialgia- Reabilitação de Ombro
- Reabilitação de Joelho
- Reabilitação pós-cirurgia
- Tendinite - Bursite







CENTRO DE REUMATOLOGIA E ORTOPIEDIA BOTAFOGO

Rua Voluntários da Pátria, 408 - Botafogo - Tel.: (21) 2266-6633
www.creb.com.br - Todos os convênios - Estacionamento no local

PAULO MARRUCHO
ARTE FOTOGRÁFICA

CASAMENTO

EVENTOS EMPRESARIAIS

FOTOS INSTANTÂNEAS

PROJETOS FOTOGRÁFICOS

PMARRUCHO@GLOBO.COM
2554-5937 914-25130



Paulo Raider

ERNEST HEMINGWAY. O escritor Ernest Hemingway, que já na década de 20 escrevia com sensibilidade sobre questões como estupro, aborto

Divulgação



e lesbianismo, terá sua vida retratada num longa-metragem. Com colaboração de Patrick, único filho vivo do lendário escritor, o filme terá como base a história escrita por John Mulholland, que já dirigiu o documentário *Cooper and Hemingway*, um relato minucioso sobre a

amizade de 20 anos entre o escritor e o ator Gary Cooper. No novo filme, o diretor Mulholland tentará desmistificar a imagem de bêbado e mulherengo, fama que o escritor carregou até a morte.

.....

MORRISSEY POP. O silêncio de sete anos do ex-vocalista do The Smiths, o lendário Morrissey, chega ao fim. O cantor lança este mês nos Estados Unidos e em breve no Brasil, seu novo álbum, *You Are the Quarry*. No novo disco, Morrissey, polêmico como sempre, apresenta letras que falam sem medo da política norte-americana, religião e os conflitos na Irlanda. Nas 12 faixas do CD, produzido por Jerry Finn, o destaque fica por conta de *Beethoven Was Deaf*, gravada ao vivo. Mas quem espera um *remake* dos discos anteriores, em *You are the Quarry*, além de enfatizar o lado mais pop da música, o disco vem recheado de cordas sintetizadas. Mas para os fãs, Morrissey é Morrissey

.....

SEM DISFARCE. O morro sob a ótica de seus moradores, sem retoques e sem cores, pode ser visto na mostra *Olhares do morro, um manifesto visual*, que está em cartaz até 27 de junho, no Espaço Furnas Cultural, em Botafogo. A exposição, que teve aprovação do competente fotógrafo Evandro Teixeira, relata sem disfarce o cotidiano dos moradores das favelas Santa Marta, Rocinha e Vidigal. Detalhe: as fotos não são feitas por fotógrafos profissionais e sim por amadores, moradores dos morros. A mostra pode ser vista de segunda a sexta-feira, das 14h às 18h. Sábados e domingos e feriados, das 14 às 19h.



Divulgação/Shirley Alves

JUVENTUDE EM CONFLITO. Não é só a televisão que vive de remontagens. Sucesso nos anos 70, a peça *O Despertar da Primavera*, de Wedekind, que revelou nomes como Miguel Falabella e Maria Padilha, ganha nova montagem e está em cartaz no Teatro Gláucio Gil, em Copacabana. Com direção de Marco André e elenco de novatos, o texto que conquistou platéias no mundo inteiro mostra de maneira clara e divertida os conflitos e dúvidas dos adolescentes que entram na fase adulta. Para jovens em conflito, é uma boa pedida. Vá ao teatro.

.....

LANÇAMENTO. O jornalista Luis Pimentel escreveu, Luscar e Danilo ilustraram e, você leitor, só tem que ir ao lançamento dos livros *O mosquito elétrico* e *A hora do recreio*, sábado, dia 12, às 16 horas, na Livraria do Museu, no Museu da República. Os livros fazem parte da coleção *Pra pensar e Rir*, da editora Mirrha. E não se esqueça de levar a criançada, pois os livros são dedicados aos pimpolhos.

.....

VALE A PENA. Ser famoso ou anônimo. Um fato tão em voga, que merece ser discutido e lido. E para falar sobre isso, nada melhor que correr às livrarias e comprar *Fama e Anonimato*, de Gay Talese. Imperdível, como leitura. Gay, fundador do novo jornalismo americano, faz um retrato cru e direto, pela ótica de um grande observador, da cidade e dos habitantes de Nova York. Um dos destaques do fabuloso livro é o texto que Talese escreve sobre Frank Sinatra. Antológico. Não vou contar, senão tira e expectativa. Cuidado, o livro é tão bom que você pode passar a noite acordado.

.....

EM PRIMEIRA MÃO. No mundo do cinema, todo mundo fala que o primeiro nu de Hollywood foi da atriz Hedy Lamar. Ledo engano, leitor. A diva do cinema americano não foi a pioneira. As primeiras cenas de nudez começavam a acontecer em 1916 e foram protagonizadas pelas atrizes Anne Kellerman (em *Daughter of the Gods*) e June Caprice (em *The Ragged Princess*). Em 1936, o código Hays banuiu a nudez das telas.



Divulgação

.....

Destaque. O Casarão dos Prazeres, em Santa Teresa, um dos espaços culturais mais bonitos do Rio de Janeiro, abre suas portas para a mostra *Comunid'Arte*. A exposição reúne artistas da comunidade. Entre os expositores, o destaque fica por conta do artista plástico Ailton Alves da Costa, famoso pelos novos tipos de carranca que esculpe. Mas Ailton não fica só nas carrancas. O artista de Santa Teresa também apresenta quadros a óleo, bastante elogiados pelo público.

